

ÍNDIOS KANINDÉS: HÁBITOS, COSTUMES, RELAÇÕES FAMILIARES E COM A TERRA NAS LUTAS POR RECONHECIMENTO E REAFIRMAÇÃO DE IDENTIDADE

Autor: Maria do Socorro Mendes de Vasconcelos; Orientador: Roberto Kennedy Gomes Franco

UNILAB – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro - Brasileira

RESUMO

O tema Índios Kanindés: hábitos, costumes, relações familiares e com a terra nas lutas por reconhecimento e reafirmação de identidade tem como objetivo investigar a comunidade dos Índios Kanindés, em Aratuba - Maciço de Baturité, à luz de uma perspectiva não-generalizante de forma interdisciplinar nas ciências sociais analisando a partir do diálogo entre as ciências como se dá essa construção. Desvelando o processo de afirmação da etnia enquanto remanescente indígena. Não desejamos, assim, nos inserir em uma trajetória embasada em estereótipos e preconceitos e, por isso, especial ênfase será conferida às diferenças, ainda que, ao mesmo tempo, venhamos a buscar a afirmação da identidade do grupo. Em especial, buscamos investigar como se deram e foram mantidas as tradições e costumes Kanindés, as estratégias de sobrevivência, rompendo com a ideia do índio concebido meramente como objeto de estudo, proteção, tutela. Concebemos, assim, os Kanindés como protagonistas de suas próprias histórias, que usou como estratégia o silêncio, como um povo que defendeu, com muitas vidas, seu direito a terra, um povo que soube fazer acordos para sua sobrevivência, permanecendo calado sobre sua origem. Como retomam seus direitos ancestrais e, a partir da década de 70, por meio de organizações indígenas vão garantir na Constituição de 1988 o direito a diversidade pela incorporação do conceito relativista em detrimento do assimilacionismo até então vigente, explicitamos ainda como eles fortaleceram a identidade submersa, revelando um povo que ressignifica crenças, costumes, hábitos e tradições, um povo que busca seu direito à cidadania plena e à diversidade.

Palavras-chave: história Identidade, Índios Kanindés.

INTRODUÇÃO

“Teve um tempo que nós, para viver, precisamos nos calar Hoje, nós, para viver, precisamos falar” (Pajé Luiz Caboclo – índio Tremembé do Ceará) A partir da citação do Pajé dos Tremembé, Luiz Caboclo, que retrata, com sabedoria, a única opção de seus antepassados para sobreviverem, buscarei conhecer a história desse povo – ‘índios kanindé’, guerreiro que foi bravo e valente na defesa de sua terra, foi declarado inexistente com um único objetivo: apoderar-se das terras desses. Para sobreviver calou-se e, a partir da Constituição de 1988, identifica-se, reclama o seu direito ancestral a terra e a ligação étnica com os primeiros habitantes do Brasil.

Trabalhar a respeito da comunidade indígena no Maciço de Baturité nos remete a investigar as características preponderantes acerca de como viveram e vivem tal comunidade. Nesse sentido, buscaremos conhecer através de pesquisa bibliográfica e o procedimento metodológico história oral, como os indígenas agiram, reagiram para sobreviver buscando hoje suas afirmações étnicas e espaço de respeito e direitos à diversidade.

Os habitantes do território posteriormente chamado Brasil somavam 5 milhões de pessoas. No Ceará, a população foi estimada em no mínimo 150 mil pessoas, por Pompeu Sobrinho em 1603, segundo (FARIAS, 2004:59). Atualmente, temos pouco mais de 12 mil índios, formando 11 povos divididos em 52 comunidades por mais de 18 municípios, dentre eles os kanindé em Aratuba. (FARIAS, 2004, p.74).

Em Aratuba, pertencente ao Maciço de Baturité, distante da sede cinco quilômetros, encontra-se a aldeia Fernandes que agrega os grupos familiares que formam o povo indígena Kanindé, incluem-se aí os que residem na Aldeia balança, totalizando aproximadamente 641 pessoas espalhadas em 185 famílias e 148 residências (Ministério da Justiça, 2011, p. 01).

Cada povo indígena constitui-se como uma sociedade única, na medida em que se organiza a partir de uma cosmologia particular que baseia e fundamenta-se em hábitos coletivos toda a vida social, cultural, econômica e religiosa do grupo. As concepções de mundo e de vida, os mitos e ritos orientam os hábitos cotidianos como: utilização da natureza (ervas, animais, minerais), casamentos, curas, etc. (LUCIANO, 2006, p. 44)

Seguindo o viés investigativo, seus processos históricos e sociais dentro da comunidade, grupos e populações em contextos interculturais, privilegiando o tema resistência indígena no Ceará e a sobrevivência da identidade dos Índios Kanindés no Maciço de Baturité, através da memória. Produzir conhecimento a partir de análises, visando o diálogo entre as disciplinas que compõem as ciências sociais, acreditando na história como processo de construção da identidade.

Com objetivos de compreender o contexto identitário da população residente na Terra Indígena dos Fernandes, mediante a cultura oral, hábitos, confecção de artesanatos, a luta pelo reconhecimento e as condições socioeconômicas existentes nas terras indígenas, delinea-se o presente trabalho.

METODOLOGIA

A pesquisa proposta parte da abordagem qualitativa, permitindo descrever, analisar, objetivando compreender efetivamente o processo de ocupação e reconhecimento da identidade enquanto grupo remanescente indígena. A opção pela abordagem qualitativa refere-se à facilidade que ela apresenta na descrição do conhecimento a ser produzido na área das ciências sociais. Dá ênfase às características: sociais, antropológicas, arqueológicas, culturais, e a compreensão dos processos, considerando o contexto que envolve a problemática estudada. Conhecer como as pessoas pensam e agem; suas experiências, suas atitudes e crenças.

Segundo DELGADO, A história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar através de narrativas induzidas, versões e interpretações sobre a história em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais.

(...) move-se no terreno interdisciplinar, já que utiliza muitas vezes música, literatura, lembranças, fontes iconográficas, documentação escrita para estimular a memória. Também dialoga e/ou interage com a sociologia, a antropologia e a psicanálise, como suportes para construção dos roteiros de entrevistas e para condução do próprio depoimento. Finalmente recorre à memória, como fonte principal que a subsidia e alimenta as narrativas que constituirão o documento final, a fonte histórica produzida. (DELGADO, 2010, p. 16)

A pesquisa do ponto de vista do procedimento técnico segundo Gil será primeiramente, levantamento bibliográfico que tratam da temática para efetivar a construção do conhecimento proposto, a investigação, ao responder as questões colocadas nessa pesquisa, poderão gerar conhecimentos científicos significativos que podem auxiliar outros estudiosos da temática, abrindo espaço para reflexões e inquietações quanto a realidade. Serão feitas resenhas e resumos de fontes bibliográficas que tratam da questão.

O trabalho de campo será efetivado com visitas as terras indígenas para conhecer e em seguida, através das entrevistas com o uso da história oral proceder o levantamento das fontes que respondam a temática proposta. A fundamentação do método dialético para interpretar a realidade, nos torna conscientes que as perguntas respondidas darão origem a novas interrogações, que será o norte das interpretações. De acordo com Gil

[...] a dialética fornece as bases para uma interpretação dinâmica e totalizante da realidade, uma vez que estabelece que os fatos sociais não podem ser entendidos quando considerados isoladamente, abstraídos

(83) 3322.3222

contato@joinbr.com.br

www.joinbr.com.br

de suas influências políticas, econômicas, culturais etc. (GIL, 2008: 14 apud PRODANOV, 2013, p.35)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para compreensão da origem étnica kanindé, as obras de estudiosos que se dedicaram a temática das questões de etnicidade e identidade, foram essenciais as leituras.

Em Apolinário (2009) há uma análise da experiência do povo denominado tapuias e, dentre eles, os tarairus e seus descendentes: a tribo dos janduis e, dentre os janduis, os Kanindés, povo muito citado devido à resistência à colonização, as lutas pela defesa do seu espaço e como souberam render-se para não serem totalmente dizimados, fazendo o jogo do dominador, mas mantendo a tradição.

Albuquerque (2002), em sua tese intitulada *SEARA INDÍGENA: Deslocamentos e Dimensões Identitárias*, analisa as relações entre os índios no *Seara Grande e os colonizadores*, durante os primeiros tempos de colonização da capitania cearense (até metade do século XVIII). Concepções de extinção e negação do nativo opõem-se à permanência do índio e da indianidade para além do período colonial.

Um autor de grande valia e consulta, que fará nossa abordagem se aproximar ainda mais da antropologia é (GOMES 2012), em especial sua obra: *Aquilo é uma coisa de índio: objetos, memória e etnicidade entre os Kanindé do Ceará*. Tal obra une conceitos históricos e antropológicos, mediados por técnicas museográficas, pesquisa de campo e observação participante durante cinco meses entre os Kanindés. O autor resgata objetos materiais e memória, histórias de vida que se entrelaçam com a história coletiva do grupo, todos direcionados ao mesmo fim, recuperar a identidade e defender seu espaço e reconhecimento enquanto cidadãos.

Para embasar o trabalho com história oral, memória e identidade social recorre-se a Michael Pollak em seu texto *Memória e Identidade Social*, onde ele define os elementos constitutivos da memória individual como ‘*acontecimentos vividos pessoalmente*’ e coletiva ‘*acontecimentos que chama de vividos por tabela*’, que são os acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer.

Defende ainda, uma ligação estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Identidade no sentido da imagem de si, para si e para os outros.

Podemos portanto dizer que *a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade*, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade

(83) 3322.3222

contato@joinbr.com.br

www.joinbr.com.br

e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1989. p. 5)

A reflexão antropológica chama de *etnogênese* o processo de emergência histórica de um povo, que se auto define em relação a uma herança sociocultural. A partir da reelaboração de símbolos e reinvenção de tradições culturais, muitas das quais apropriadas da colonização e relidas pelo horizonte indígena (OLIVEIRA, 2004, p.20 APUD GOMES e VIEIRA NETO). Essa emergência étnica vem ocorrendo no Nordeste desde a década de 1970.

Nesse processo, os povos indígenas, que, por pressões políticas, econômicas e religiosas ou por terem sido despojados de suas terras e estigmatizados em função dos seus costumes tradicionais, foram forçados a esconder e a negar suas identidades tribais como estratégia de sobrevivência – assim amenizando as agruras do preconceito e da discriminação – estão agora reassumindo e recriando as suas tradições indígenas.

A defesa da identidade indígena afirma que não existe uma identidade indígena única, mas diversas identidades políticas e simbólicas que se articulam e destacam como sendo grupos diversos e diferenciados, assim como os povos europeus (alemão, italiano, francês, holandês) não são iguais por serem europeus. Os indígenas mantêm suas diferenças e sentem-se ofendidos pelo uso geral do termo indígena para todos os povos (LUCIANO, 2006, p. 40).

Deste modo, a principal marca do mundo indígena é a diversidade de povos, culturas, civilizações, religiões, economias, enfim, uma multiplicidade de formas de vida coletiva e individual. Identidade implica a alteridade, assim como a alteridade pressupõe diversidade de identidades, pois é na interação com o outro não-idêntico que a identidade se constitui (LUCIANO, 2006, p. 40). Assim defende:

A reafirmação da identidade não é apenas um detalhe na vida dos povos indígenas, mas sim um momento profundo em suas histórias milenares e um monumento de conquista e vitória que se introduz e marca a reviravolta na história traçada pelos colonizadores europeus, isto é, uma revolução de fato na própria história do Brasil.(...) não existe uma identidade cultural única brasileira, mas diversas identidades que, embora não formem um conjunto monolítico e exclusivo, coexistem e convivem de forma harmoniosa, facultando e enriquecendo as várias maneiras possíveis de indianidade, brasilidade e humanidade. (LUCIANO, 2006, p.42-43)

As referências a identidade se confirmam e se fortalecem com as definições propostas por *Márcio André Braga* em seu artigo *Identidade étnica e os índios no Brasil*, p.172-174. O autor classifica a identidade segundo a ótica de antropólogos e sociólogos a partir de duas dimensões, a pessoal e a social, que se realizam em

níveis diferentes, embora interligadas e sempre como uma construção da relação com o outro.

A dimensão pessoal serve de base para a construção de uma identidade de grupo, estabelecida sempre de forma relacional, visto que, para se estabelecer o *eu*, no âmbito das quais o indivíduo irá perceber quem ele é, e o que lhe diferencia em relação aos outros, utilizando, para tanto, parâmetros como elementos biológicos, culturais, profissionais, sociais, dentre outros, evidenciando as diferenças entre o ‘eu’ e os ‘outros’.

A dimensão social, segundo o autor, também assume caráter relacional, na medida em que é utilizada para classificar a si e aos outros nas interações sociais. Está acima da identidade pessoal e configura-se pela atualização da identidade pessoal em relação à noção de grupo.

De acordo com Pratt, os sujeitos se constituem nas e pelas suas relações uns com os outros e deve-se, sobretudo, tratá-las “*não em termos de separação ou segregação, mas em termos da presença comum, interação, entendimentos e práticas interligadas.*” (PRATT, 1999: 32). (APUD, APOLINÁRIO, 2009)

Assim, com base nessas leituras, foi se delineando nosso objeto (ou objetivo) de pesquisa, conhecer como os Kanindés reafirmaram sua identidade através do processo de auto-reconhecimento e desvelamento de sua cultura, hábitos e ritos que os distinguem como índios. Realizou-se visitas *in loco*, conheceu-se e entrevistou-se lideranças através da memória (historia oral).

Ao fazerem a atualização, os indivíduos vão perceber elementos identitários semelhantes ou idênticos, aproximando os que possuem elementos de identidade comuns, que vão determinar os que *pertencem* e os que *não pertencem* ao grupo social. É de fundamental importância para o funcionamento dessa noção de grupo o sentimento de pertença, pois este se reflete na base de formação de uma identidade social, que depende da atribuição por outros, mas, também, da auto-atribuição. (BRAGA 2011, p.172-73). Assim, vamos relacionar como resultado da pesquisa as manifestações de reafirmação dessa comunidade.

O Toré Segundo (GOMES: 2012) é introduzido no contexto cearense como sinônimo da mobilização em busca de reconhecimento étnico, com o processo de mobilização dos povos indígenas, a partir dos Tapeba, inicialmente, e depois Pitaguary e Jenipapo- Kanindé, realizando a dança em atos, reuniões do movimento indígena.

O toré chegou aos Kanindé através dos contatos com os demais povos indígenas. Sinal diacrítico por excelência dos povos indígenas do nordeste, o toré, apesar de assumir as especificidades em cada lugar, permanece intocado, praticamente, como símbolo-mor de afirmação e identificação, definidor de fronteiras entre índios e

(83) 3322.3222


contato@joinbr.com.br

www.joinbr.com.br

não-índios (REESINK, 2004; GRUNEWALD, 2005 APUD GOMES, 2012, p. 160).

O líder comunitário Cícero Pereira, indígena Kanindé, afirma que o toré é realizado todos os dias, na escola indígena, antes das aulas da manhã e da tarde, pelos estudantes e professores, ao toque do atabaque e a vibração das maracás, o coro que canta “Tribo Kanindé, na tribo Kanindé, todo mundo chega aqui, vai logo para o toré”(…).

Um dos instrumentos usados pelos kanindés para embalar o toré e por eles confeccionado é a maraca ou maracá, feito do fruto da coitizeira conhecida como coité ou cabaça. Assim definem:



O processo de preparo da maraca é um ritual cultural e religioso, escolhemos a melhor, a mais bela, que ainda passa por um ritual de enfeite, adornos, para por último ser consagrada, porque ela irá junto com nós exaltar, engrandecer os nossos deuses que são dignos de receber o que há de melhor em nós e em nossas terras.

<http://mkindio.blogspot.com.br/2012/04/maraca-arte-e-oskaninde.html>

A maracá tem grande importância tanto no sentido religioso como também no espiritual e cultural para os kanindés, pois quando eles começam a tocar a maracá, seus corpos ficam mais leves e conseguem tirar todos os aspectos negativos neles presentes. Quando tocam e cantam as canções, conseguem empolgação para lutar por seus objetivos e também ganham forças para a luta indígena, pois a maracá é mais uma arma para que possamos conseguir nossos ideais.

Fazem parte, ainda, para os rituais, as vestimentas de pena e palha, os cocares, confeccionados pelas índias mais velhas e utilizadas em festividades e comemorações e destinados uma parte para venda e geração de renda; o mcororó, o tacape, arco e flecha.

Os artefatos de madeira, produzidos pelos kanindés, vão se tornar também elementos que os identificam como indígenas, sendo destaque dessa produção a família Maciel. Usam principalmente a imburana e o pinhão e às vezes a siriguela. São colheres de pau, gamelas, garfos coração, pilão castiçais, xícaras, etc. Atendem ainda as encomendas dos religiosos – votos para entrega na Basílica de Canindé no ato do pagamento das promessas ao Santo Padroeiro- São Francisco.

Na aldeia, a cerâmica não é mais produzida como fonte de renda, dentre os objetos de barro mais usados no espaço doméstico, destaca-se o pote de colocar água para beber, mesmo com o advento da eletricidade e da geladeira, as panelas de barro ainda fazem parte dos utensílios domésticos. O barro também foi muito utilizado para fazer as casas de taipa, hoje substituídas por casas de tijolos. Segundo entrevista

com o líder comunitário Cícero Fernandes¹, hoje está sendo revitalizado o trabalho com barro, os jovens estão participando de curso para ceramistas e já estão com algumas peças prontas, que em breve serão encaminhadas para a venda e geração de renda.

Os artefatos feitos de palha de coqueiro/carnaúba e cipó. São chapéus, bolsas, caçuás, vassouras e urupema, são utilitários importantes na colheita no transporte e armazenamento de gêneros alimentícios.

No Museu dos Kanindé, organizado pelo cacique Sotero, em uma casa simples, objetos são expostos pregados na parede, empalhados por técnica caseira objetos relacionados à caça. Pêlos diversos, como de gato maracajá e tamanduá, pé de gavião, mão de onça, cascos de tatu e peba, coruja, couro de mocó, entre outros.

Guardam também documentos variados, como recortes de jornais, ofícios encaminhados e recebidos, alguns estudos e fotografias.

Em <http://mkindio.blogspot.com.br/> consta o seguinte enunciado sobre o Museu kanindé:

Manter a história somente na memória não foi o suficiente para garantir a sua perpetuação. Foi pensando assim que o cacique do povo Kanindé, José Maria Pereira dos Santos, o Sotero, organizou o Museu dos kanindé, por volta de 1996, onde vem sendo preservada a memória e onde estão expostos instrumentos de caça, dança e parte dos animais caçados pela comunidade, que retrata a existência deste povo.

Temos ainda a definição de Museu pela Liderança Indígena Cícero Pereira:

O museu pros Kanindé é bisavô, é avô, é pai e é mãe, porque é a história deles, a história que tinha lá atrás, é o que a gente tem aqui. O museu pros Kanindé é vida. Nós gostamos do museu do tanto que a gente gosta dos pais da gente, porque aí tem um pouco do retrato, da imagem de tudo. Tem a imagem do peba, do pote que foi feito antigamente, tudo ali foi um retrato dos nossos antepassados, retrato de quem construiu aquela história (Cícero Pereira – liderança dos Kanindé, de Aratuba/CE).

Das reportagens, que guarda como documento no museu, destaca-se a que ele situa como sendo o momento que marca o início da luta indígena: uma reunião realizada em Maracanaú durante três dias, no ano de 1995. Depois disto, começou a organização e mobilização em torno da identidade indígena.

Os museus hoje podem ser entendidos como lugares propícios à difusão e reflexão acerca das trajetórias e memórias de luta e resistência dos grupos indígenas. “Nesse viés, nos

¹Entrevista realizada com Líder Comunitário Cícero Pereira por Maria do Socorro Mendes de Vasconcelos em 20 de junho 2014

museus palpitam comunidades e suas múltiplas linguagens, abrindo-se à antropologia e ao etnoconhecimento” (CASTRO;VIDAL, 2001, p. 270 apud PALITOT, 2009 p. 368)

Em 1999, foi aprovada pelo Conselho Nacional de Educação a categoria Escola Indígena no país, tendo na educação intercultural, e na autonomia de “normas e ordenamentos jurídicos” sua característica definidora, além de ser “coletiva, específica, diferenciada, multicultural e multilíngue”. (GRUPIONI, 2006, p. 53 apud ANTUNES, 2008, p. 91)

Afirma, ainda, que:

Na teoria, a escola indígena é uma ferramenta da afirmação identitária, da diferença e *locus* de revitalização da cultura e pode ser caracterizada por sua vocação ideológica, pois assume a função de formar novos quadros de lideranças e ensinar sobre as leis que asseguram os direitos indígenas. Contudo, sua missão educacional não é restrita ao fomento da etnicidade. A formação que oferece deve ser compatível ao mercado de trabalho, o índio deseja melhorar sua condição material e não se exime da convivência com a sociedade neoliberal. (ANTUNES, 2008, p. 91).

Em 1998, a implementação de políticas educacionais específicas foi colocada em prática pelo Programa de Expansão da Escola Indígena no Ceará, sendo a SEDUC responsável pela construção de sedes escolares, a formação de jovens no curso de magistério indígena, a preparação de materiais didáticos para cada etnia etc. Tudo isso foi reflexo de demandas e pressões do movimento indígena cearense desde a década de 80.

A Escola Diferenciada de Ensino Fundamental e Médio Manuel Francisco dos Santos foi inaugurada oficialmente em agosto de 2006, na Comunidade Indígena dos Fernandes, zona rural de Aratuba, na Região do Maciço de Baturité, onde habita a etnia Kanindé.

Um prédio de dois andares com amplas salas mobiliadas e estrutura para receber mais do que os atuais 66 alunos de Ensino Fundamental, de primeira à quarta série, e os 78 alunos do projeto de Educação Jovens e Adultos (EJA). Tem uma sala específica para a iniciação em informática e as demais que compõe uma unidade escolar: cantina, sala de professores e diretoria, banheiros e um pátio coberto.

As escolas indígenas no Ceará, inclusive a de Aratuba, atendem a um contexto de afirmação dos grupos étnicos, como uma estratégia política para o reconhecimento legal e social destes grupos; desta forma, representam também um espaço de poder e de construção de saber. Para Foucault (2006), o poder funciona como um “dispositivo” ao qual ninguém consegue escapar, ele é uma rede que está em todas as estruturas da sociedade; não há relação de poder sem que aconteça a constituição de um campo de saber e todo saber compreende novas relações de poder (SOUSA, apud PALILOT,

2009, p.354). Assim, dentro desse espaço, irá se configurar as relações de estabelecimento de igualdade com a sociedade e ao mesmo tempo fortalecer as vivências diversificadas de marca identitária de cada povo.

Importante se faz registrar o blog da escola <http://escolakaninde-indio.blogspot.com.br/>, no âmbito do qual estão os registros atualizados das realizações da escola e a participação da comunidade nos eventos da escola, da região, do estado e do Brasil, numa conexão que divulga seus valores, costumes e tradições, colocados a serviço da reafirmação do “ser índio kanindé”.

A vivência da espiritualidade na Aldeia Fernandes tem grande influência histórica do catolicismo, mas há alguns anos a igreja evangélica conseguiu se estabelecer e vem angariando muitos adeptos. Organiza cultos frequentes em sua sede. Há, ainda, práticas espirituais e religiosas que remetem a outras heranças, a umbanda e a presença de médiuns - curadores e rezadores (as pessoas que tem a capacidade de estabelecer contato com os espíritos).

O catolicismo é praticado com rezas de terço, romarias, promessas, procissões e ex-votos. Dois santos de grande devoção entre os Kanindés: São José e São Francisco. São José o padroeiro do Ceará, para ele são realizadas procissões e rezas, pedindo chuva no dia 19 de abril. São Francisco é reverenciado em outubro. Muitos participam dos festejos em Canindé. É pago promessas com ex-votos (levar o membro do corpo entalhado em madeira pelo qual foi feito a promessa para cura).

As rezadeiras da comunidade são muito procuradas, pois os Kanindés crêem muito em reza, dentre outros, os principais motivos dessa procura são: quebrante, mau-olhado, espinhela caída, íngua, cobreiro, dor de dente, e erisipela. Elas também realizam partos e são responsáveis por garrafadas, lambedores, cozimentos que indicam para gripes, resfriados, bronquites, asma, dentre os males comuns na comunidade.

Nas práticas religiosas ficam evidentes o sincretismo, presente em todo território brasileiro, mas recodificado nessa comunidade. No sincretismo, encontramos uma relação íntima com as forças da natureza e com os antepassados nos rituais realizados.

CONCLUSÕES

Ao longo do trabalho realizado foi se compreendendo que o processo de conquista do espaço territorial, político e cultural do povo kanindé, como povo que resistiu e ressurgiu, afirmando sua identidade, através do reconhecimento

legal, da instalação do museu, da escola, em seus rituais e costumes que agora têm outro sentimento, o de pertencimento a uma etnia. Embora com muitos desafios diante da sociedade, coloca-se como portador de diversidade e trabalha no sentido de garantir seus direitos à cidadania plena.

Constata-se que o genocídio e o etnocídio contra os povos indígenas tiveram como decorrência o quase desaparecimento da cultura indígena do território cearense, sendo neste processo um dos instrumentos mais eficazes a expropriação de seus territórios, para a expansão da pecuária e acumulação de bens e a negação oficial de suas existências.

Ressignificar crenças, foi essa a estratégia do povo indígena para sobreviver, apesar de atacado, destruído, modificado, negado, não se perdeu de si. A cultura e a identidade continuaram latentes e com o ressurgimento ocorre a introdução de um conjunto de objetos “rituais” diferenciadores. Usar colares, cocares, a maracá “indígenas”, dançar o toré, estudar na escola indígena, divulgar e disseminar o artesanato da palha do cipó, do barro, saber de onde veio, quem são seus antepassados, torna-os singulares e conscientes da sua indianidade.

Ser índio Kanindé hoje é ter orgulho de seus antepassados, estarem inserido em todas as políticas públicas indianistas e de direitos humanos, na busca por qualidade de vida e cidadania plena, para si, para seus parentes e para todos os brasileiros e assim contribuir para reafirmação de sua identidade.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Manuel Coelho. Seara indígena: deslocamentos e dimensões identitárias. 2002. 162p. Dissertação (Mestrado) História Social, Centro de humanidades - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2002 Texto disponível em: http://www.historia.ufc.br/admin/upload/Disserta_%C3%A7%C3%A3o%20Manoel%20Coelho.pdf último acesso 17 janeiro 2012.

APOLINÁRIO Juciene Ricarte. Ações multifacetadas dos Tarairiú nos sertões das capitanias do Norte entre os séculos XVI e XVIII. Trabalho Apresentado no XXV Simpósio Nacional de História, Simpósio Temático 36: Os Índios na História, 13-17 de julho de 2009. Disponível em: www.ifch.unicamp.br/ihb/Trabalhos/ST36Juciene.pdf . Acessado em 10 de janeiro de 2014

BRAGA, Márcio André. Identidade étnica e os índios no Brasil. **Métis: história & cultura**, América do Norte, 4, out. 2011. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/1178>. Acessado em: 28 Jun. 2014.

DELGADO, Lucídio de Almeida Neves. História oral- memória, tempo, identidade-2ªed. Belo Horizonte: Autentica. 2010. P. 15-31.

FARIAS, José, Airton de. História da Sociedade Cearense. Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2004.

GOMES, Alexandre Oliveira. Aquilo é uma coisa de índio : objetos, memória e etnicidade entre os Kanindé do Ceará. - Recife, 2012. Disponível em:www.ufpe.br/nepe/dissertacoes/dissertacao_3.pdf. Acessado em 20 de junho de 2013

GOMES, Alexandre Oliveira; VIEIRA NETO, João Paulo. Museus e Memória indígena no Ceará: a emergência étnica entre lembranças e esquecimentos. In: PALITOT, Estevão Martins (org.). Na mata do Sabiá: contribuições sobre a presença indígena no Ceará. Fortaleza: Secult / Museu do Ceará / IMOPEC, 2009. (vários autores) Disponível em:muvic.files.wordpress.com/.../008940-na-mata-do-sabia-miolo-2ed.pdf. Acessado em 12 de janeiro de 2014

LUCIANO, Gersem dos Santos. O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje / – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006. Disponível em:http://www.trilhasdeconhecimentos.etc.br/livros/arquivos/CoLET12_Vias01WEB.pdf. Acesso em 15 de fevereiro de 2014

SOUSA Carlos Kleber Saraiva de. Identidade, cultura e interesses: a territorialidade dos Jenipapo-Kanindé do Ceará. Dissertação de Mestrado Universidade Federal do Ceará Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Fortaleza-CE, 2001. Disponível em:<http://muvic.com.br/dissert/Mestrado%20-%20Kleber%20Saraiva.pdf>. Acessado em 10 de junho de 2013

POLLAK, Michael. Memória e Identidade social *Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em: [www.pgedf. ufpr.br /downloads .../ memoria eidentidade_social.pdf](http://www.pgedf.ufpr.br/downloads/.../memoria_eidentidade_social.pdf)*. Acessado em 16 de setembro de 2016

PRODANOV, Cleber Cristiano et all. Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: www.feevale.br/.../E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf Acessado em 19 de setembro 2016

WIKINATIVA/Canindé. Disponível em: <[http://pt.wikiversity.org/wiki/Wikinativa/ Canindé](http://pt.wikiversity.org/wiki/Wikinativa/Canindé). Acessado em: 21/09/2013 <http://escolakaninde-indio.blogspot.com.br/p/origem-historica-do-povo-kaninde.html>. Acessado em 15 março de 2014

<http://mkindio.blogspot.com.br/> acessado em 20 de maio 2014

Entrevista Líder Comunitário Cícero Pereira por Maria do Socorro Mendes de Vasconcelos em 20 de junho 2014.